

Festa, fé, viola de cocho e alegria*

Brás Rubson Ferreira Barbosa
Universidade Federal de Mato Grosso
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Resumo

Buscando retratar o encontro das tradições das festas de santos católicos com a cultura popular da Baixada Cuiabana, em especial as manifestações do siriri e cururu – folguedos que se consolidaram nessa região do Pantanal mato-grossense em que os dançarinos de siriri rodopiam pelo salão ao som de cantigas tradicionais e atuais desse ritmo, e os cururueiros produzem e cantam suas cantigas ao som da viola de cocho (instrumento tradicional da região) –, é que o presente estudo teve lugar.

Em Mato Grosso, nessa região, as festas de santos católicos costumam se unir às manifestações do siriri e do cururu em eventos católicos de grande participação popular, formando um recheado calendário anual. Essas festas na Baixada Cuiabana, que engloba a região do Pantanal mato-grossense, são realizadas por uma gente que tem suas peculiaridades, seu modo próprio de expressão cultural.

Uma entre muitas festas de santo da Baixada, a de São Pedro da Comunidade Zé Alves, no município de Poconé, realizada no começo de julho, reúne grande número de devotos e é o objeto do presente estudo. São dois dias de celebrações que envolvem novena, levantamento de mastro, siriri, cururu, leilões, baile de rasqueado e lambadão, com bandas da região.

Palavras-chave:

Festa de santo; cultura popular; siriri e cururu; viola de cocho; patrimônio cultural.

Cuiabá-MT, 2024

*Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

As festas de santos católicos nas terras mato-grossenses da região pantaneira da Baixada Cuiabana, entorno da capital Cuiabá, se caracterizam por seus elementos de originalidade, a fazer o encontro da tradição religiosa com a força da cultura popular, em suas expressões do siriri e cururu. Fazem parte do calendário anual das festas de santos organizadas por famílias, tradição que envolve gerações e permanece como eventos prestigiados por devotos e festeiros.

A Festa de São Pedro da comunidade Zé Alves, distrito de Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, município de Poconé-MT, faz parte do ciclo dos festejos católicos dessa região. Realizada anualmente, em todo primeiro final de semana do mês de julho, em homenagem a São Pedro, trata-se de uma iniciativa da família de Seu Pedro Ponce, numa tradição de 30 anos de realização ininterrupta, salvo os dois anos da pandemia de coronavírus.

Seu Pedro Ponce é de família de cururueiros – tocadores de viola de cocho e compositores de cantigas de cururu –, o pai dele já realizava festa de santo, mas, por se chamar José, o santo homenageado era São José. A família Ponce é o que se pode chamar de extensa, com 12 núcleos da mesma residindo na região: em um raio de três quilômetros, no entorno do sítio São Pedro, vivem tios, irmãos e primos de Seu Pedro Ponce, cada um em sua propriedade rural.

Na interação com a comunidade Zé Alves, esse contexto familiar é ampliado tanto pelas amizades duradoras em convívios que remetem aos seus antepassados quanto por meio das alianças matrimoniais. A esposa de Seu Pedro Ponce, Dona Lucinda Ponce, faz parte de uma extensa família da região. É nesse contexto que se organiza a Festa de São Pedro que, além da homenagem ao santo, é momento de encontro de cururueiros e dos adeptos da dança do siriri, momento em que a cultura popular pulsa.

Stuart Hall, em “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais”, destaca a existência de um campo de batalha na constituição da cultura popular, e essa batalha se manifesta

no sentido de resistência e aceitação, num trânsito de influências recíprocas entre os campos da cultura popular, erudita e de massa, fazendo com que esses acabem por assimilar manifestações opostas. Ainda que exista um movimento de resistência, a transformação faz parte da dinâmica, como ele lembra:

Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (Hall, 2003, p. 255).

Maria Laura Cavalcanti, ao analisar a ação dos primeiros estudiosos sobre o folclore/cultura popular no Brasil, destaca a ideia inicial de reforçar a preservação das tradições, deixando de observar o caráter dinâmico dessas manifestações. A autora demonstra a alteração dos fundamentos do Romantismo – corrente de pensamento filosófica, artística e literária que se espalhou no continente europeu, e quase simultaneamente nas Américas, a partir de meados do século XVIII – que compreendia a cultura popular como algo distinto da cultura da elite, observando que “na atualidade das ciências humanas e sociais, o modelo interpretativo “de duas camadas” – cultura popular/folclore versus cultura de elite – está unanimemente superado” (Cavalcanti, 2001, p. 4). Por essa visão melhor apreender a realidade das “culturas” e recusar a ideia de que a cultura popular seria algo menor, Cavalcanti destaca uma nova perspectiva para definir o conceito de maneira mais precisa:

Cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas cultura popular, erudita, ou de massa, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo (Cavalcanti, 2001, p. 4).

E Patrícia Osório, citando Marilena Chaui (1986) e negando a ideia que associa a cultura popular a um primitivismo, comunitarismo e purismo, ou seja, uma noção “romântica” de folclore, com foco na preservação das tradições, na ideia de criação coletiva e anônima, e de inspiração rural, afirma:

As culturas populares não são primitivas, muitas de suas criações não são anônimas, assim como é fundamental relacionar as culturas populares às dinâmicas das cidades (que fazem parte de grande parte dos cenários atuais dos grupos de cultura popular). Em última instância, é primordial tratar as culturas populares como contemporâneas, inovadoras e criativas (Queiroz; Osório; Souza, 2022, p. 12).

Essas visões expostas aqui, que compartilham a ideia do dinamismo da cultura popular, são assumidas neste ensaio por se tratar de caminho mais seguro e próximo da realidade das festas de santo que pretendemos observar, em suas expressões culturais e religiosas capazes de mobilizam considerável público demonstrando a força da devoção.

O catolicismo ibérico foi destacado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e José Reginaldo Santos Gonçalves como uma das peculiaridades na formação da nacionalidade brasileira. As próprias características dos ibéricos são trazidas por esses autores como elementos que contribuíram com essa formação, e citam Gilberto Freyre descrevendo essas características, ressaltando a diversidade no trato com o tempo, sendo um povo que articula de forma mais espaçada a noção temporal, o “que teria trazido vantagens culturais e psicossociais do ponto de vista do contato humano no contexto do empreendimento colonial” (Cavalcanti; Gonçalves, 2010, p. 269), diferenciando-os do restante dos europeus de então. Ainda não adaptados para a ideia da dureza da sociedade industrial nascente, “essa noção de tempo teria permitido o surgimento de novas modalidades culturais no contato com os povos não europeus” (Cavalcanti; Gonçalves, 2010, p. 270). No bojo da colonização, essas características do cristianismo católico ibérico “os teria aproximado dos povos não europeus por meio de um tempo que não era simples adequação ao trabalho contínuo; mas um tempo em que muita alternância entre trabalho e lazer, dança e labor, era propiciado pela própria igreja” (Cavalcanti; Gonçalves, 2010, p. 270).

E onde há espaço para a alegria humana, há festas. É nesse contexto que veio a se constituir o calendário das festas católicas no Brasil, país de maioria dessa corrente religiosa, onde elas se espalharam por todas as regiões, configurando-se, com o tempo, de acordo com as manifestações da cultura popular de cada um desses lugares. E, por serem compreendidas como fazendo parte do “amplo campo das teorias antropológicas do ritual” (Cavalcanti; Gonçalves, 2010, p. 268), as festas católicas nessas regiões são objeto de estudos de antropólogos.

Afinando a viola

A toada envolvente das cantigas dos cururueiros é pontuada pelo ritmo dos acordes de suas violas de cocho, em uma celebração que envolve o canto, o gingado, desafios e

toda uma performance e ritual característicos dessa manifestação popular. Nas festas de santo da Baixada Cuiabana, o cururu exerce seu protagonismo no momento da procissão de saudação aos festeiros, quando os cururueiros e suas cantigas percorrem todos os espaços da festa, a cadência na hora do levantamento do mastro do santo, as cantigas ao pé do altar da festa e durante suas rodas de cantoria. São festejos peculiares, expressão religiosa e cultural que aciona um conjunto de talentos em que se destacam, além da cantiga do cururu, a dança do siriri com seus dançarinos que se movem pelo salão embalados pelo som desse ritmo regional, em eventos com grande participação popular.

Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves, “não são classificados como objetos separados dos seus proprietários”, alertando para a dimensão que esse patrimônio pode adquirir na relação com seus proprietários que, “em muitos casos, servem a propósitos práticos mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais” (Gonçalves, 2007, p. 110).

A viola de cocho nas mãos dos cururueiros ganha essa dimensão mágico-religiosa ao levar ritmo e alegria para as festas de santo; na prática, já é parte dos fundamentos dessas festas, unindo-se aos seus ritos católicos. Especialistas no tocar e no compor cantigas de cururu com letra que fazem referências ao seu dia a dia, esses cururueiros produzem ao ritmo da viola de cocho um fazer cultural de seu lugar, um fazer de uma gente, demonstrando que para a criatividade humana o céu é o limite.

Em 2005, o modo de fazer viola de cocho foi inscrito no Livro no Livro de Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em “Festivais e Patrimônios: o caso da patrimonialização da viola de cocho”, Patrícia Osório detalha a forma de expressão do cururu e do siriri:

O cururu e o siriri são duas manifestações populares difundidas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A viola de cocho é um dos principais instrumentos musicais utilizados nas performances. Siriri é uma dança executada por pares (um homem e uma mulher) ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho. O cururu é executado por homens que tocam e improvisam versos ao som da viola de cocho e do ganzá. Os dois folguedos acontecem nos circuitos das festas realizadas em homenagem a santos católicos, também chamadas festas de quintal, ocorridas durante todo o ano na Baixada Cuiabana e registradas por alguns viajantes, como Max Schmidt, no início do século XX (Osório, 2019, p. 170).

Esse importante reconhecimento sobre o fazer de um instrumento musical que hoje se torna uma espécie de símbolo da gente pantaneira da Baixada Cuiabana acabou por lançar luzes sobre todo o fazer cultural que se entrelaça com o instrumento, evidenciando desafios para os grupos de siriri e cururu – que são os atores primeiros e principais neste fazer cultural – na busca por políticas públicas de salvaguarda.

O processo de patrimonialização da viola indica a apropriação constante das políticas públicas pelos grupos de siriri e cururu, localizados em periferias urbanas ou em áreas rurais de pequenas cidades da região mato-grossense. A apropriação diz respeito tanto ao uso da política para que tenham acesso a recursos e para que se empreendam melhorias em seus bairros como também para que façam uso da política patrimonial para dirimir dilemas internos ao próprio bem cultural (Osório, 2019, p. 173).

Esses grupos de siriri e cururu, com exceção dos mais organizados, que já se constituem formalmente, a rigor, necessitam de maior apoio de políticas públicas para que possam melhor verter sua arte. Uma das questões levantadas pelos grupos de cururu, por exemplo, é o desafio da continuidade no domínio do tocar a viola de cocho, pois afirmam que as novas gerações demonstram certa aversão e não se interessam em aprender o ofício, fato esse registrado pelo próprio dossiê do Iphan.

Desse modo, os próprios cururueiros buscam meios para tentar reverter a situação “apropriando-se das políticas públicas para promover, por exemplo, oficinas de aprendizagem. As oficinas são espaços de reflexividade e de transformação de sociabilidades, instauradas através das políticas patrimoniais” (Osório, 2019, p. 174). No “Inventário: quintais da cultura popular cuiabana”, as pesquisadoras Poliana Jaqueline Queiroz, Patrícia Silva Osório e Alessandra Aparecida Jorge Souza apontam caminhos para a política de patrimonialização:

Pensando a mudança como inerente à cultura, as políticas patrimoniais devem garantir não apenas a preservação de uma manifestação popular ou folclórica, mas, principalmente, as condições para sua efetiva continuidade (Queiroz; Osório; Souza, 2022, p. 12).

Fato é que ainda hoje, na Baixada Cuiabana há muitos cururueiros exímios tocadores do instrumento; e Patrícia Osório, a propósito, pontua “que esse desinteresse não é recente e faz parte da dinâmica do folgado popular” (Osório, 2019, p. 173).

Nos últimos tempos, a dinâmica das apresentações dos grupos de siriri e cururu tem se expandido, passando a ocupar outros espaços além dos quintais de suas sedes e das festas de santo. O grande momento é o Festival de Siriri e Cururu, organizado pela Federação dos grupos em Cuiabá. Mas os grupos mais estruturados, principalmente os de siriri, já realizam apresentações fora do estado e até do país, como é caso do Flor Ribeirinha.

O Festival de Cururu e Siriri é o caso exemplar de uma expansão que significa o deslocamento das festas dos quintais para os palcos. Ela propicia uma série de alterações nas formas e nos conteúdos performáticos referentes à coreografia, à cenografia e à indumentária, trazendo transformações importantes nas sociabilidades festivas (Osório, 2019, p. 171).

E mesmo a viola de cocho tem sido utilizada em outras finalidades além das apresentações de siriri e cururu. Essa viola, com adaptações, tem sido utilizada por orquestras regionais, como foi o caso da Orquestra Sinfônica de Mato Grosso, liderada pelo maestro Leandro Carvalho, e ainda é o caso da Orquestra Sesi Mato Grosso, sob a coordenação do maestro Fernando Pereira. É também utilizada por músicos regionais em que adaptam a viola para a execução de estilos musicais diversos, como o caso do roqueiro Caio Espíndola, com sua guitarra de cocho, e o músico Daniel de Paula, vencedor de prêmio nacional de viola instrumental empunhando sua viola de cocho.

Mas é nas festas de santos católicos que esse instrumento empresta toda sua energia ao poder da cultura popular, por meio das cantigas dos cururueiros, que acompanham todas as etapas desses eventos. “Nas festas de santo, os protagonistas são os curureiros. São eles que conduzem toda a sua dimensão religiosa, entoando versos ao pé do altar” (Osório, 2019, p. 176). Patrícia Osório observa que “o siriri tem lugar na festa como um momento de diversão, colocando-se como uma manifestação complementar” em comparação com a centralidade que assume o cururu.

A Festa de São Pedro, hora da alegria

Tanto em quintais das cidades da Baixada Cuiabana quanto em sítios da zona rural, as festas de santos católicos são reproduzidas pela comunidade num ciclo anual, nas datas em que se comemora os dias deles. Sua preparação envolve os festeiros devotos, as famílias que os adotam, em uma organização hierárquica com cargos e tarefas

distribuídas com bastante antecedência. Uma entre muitas festas de santo da Baixada Cuiabana, a Festa de São Pedro da Comunidade Zé Alves, no município de Poconé, realizada no começo de julho, reúne grande número de devotos. Em 2023 foram em torno de 1.500 pessoas, em dois dias de celebrações que envolveram novena, levantamento de mastro, siriri, cururu, leilões, baile de rasqueado e lambadão com bandas da região.

Os festejos começam no sábado, quando logo após o encerramento da novena é servido um jantar e depois tem início a dança do siriri, da qual a comunidade toda participa, sem as vestimentas tradicionais das apresentações mais elaboradas dessa dança. Hoje, no baile, as músicas de siriri são reproduzidas na aparelhagem de som da festa. Armazenadas em mídia digital, trazem um compilado das melhores e mais tradicionais canções conhecidas de siriri, dispensando assim os tradicionais músicos que as executam ao vivo, pelo menos no sábado à noite. Na Festa de São Pedro da Comunidade Zé Alves o siriri é dançado pelos populares, que assumem um protagonismo na hora do baile, protagonismo que não experimentam quando se trata das apresentações de grupos de siriri organizados.

No domingo da festa as atividades têm início às 7 horas, com o tradicional Levantamento do Mastro, seguido pela apresentação dos cururueiros, que percorrem todo o espaço da festa tocando, cantando e dançando. Logo depois é servido um chá com bolo e, ao meio-dia, o almoço, churrasco acompanhado por outros pratos da cozinha tradicional da região. Aliás, generosidade é um dos traços marcantes da festa, pois toda alimentação é servida gratuitamente aos participantes. A cerveja, vendida por fichas, divide espaço com o tradicional amargo raiz de bugre, que é distribuído gratuitamente para os participantes e, segundo reza a lenda, fornece energia a quem a consome. O sagrado divide espaço com o profano. E os católicos, “donos” da festa e do santo, dividem o mesmo espaço festivo com alguns evangélicos que não querem ficar fora da alegria, ainda que de forma minoritária. Após o almoço, tem início o bailão, com as apresentações de bandas de música da região, quando o público dança o lambadão, rasqueado e siriri, só cedendo breve momento para a realização de um leilão de prendas. O público participa, alegre, do bailão até por volta das 18 horas, quando a festa termina.

Tanto no sábado, ao dar início à novena como no domingo da festa, no começo do Levantamento do Mastro, Seu Pedro Ponce e Dona Lucinda Bernadete de Souza (patriarca e matriarca organizadores da festa) fazem breves saudações aos participantes; nesse momento também são feitas algumas orações, antes das rezas cantadas. Ao comentar o sentido da Festa de São Pedro da comunidade Zé Alves, com seu linguajar cuiabano – composto historicamente “por um mosaico cultural”, o que resultou em “um jeito de falar próprio” (Campos, 2014, p. 115) –, Seu Pedro Ponce sentenciou:

A gente tem quer ter a festa, pra alegrar. Porque não tem sentido cê trabalhar o ano inteiro... e não ter um dia pro cê parar pra festejar. Porque nós não é como o povo da cidade que toda semana tem praça pra ir, tem restaurante pra ir. Então, nós marca um dia do ano pra fazer a festa tradicional (Seu Pedro Ponce, cururueiro e festeiro principal).

E comenta sobre a fé envolvida nos festejos...

Rezar nós reza todo dia, de manhã e à noite. Quando nós tamo apertado com qualquer tipo de doença, nós faz a novena. Nove dia de novena. Como agora nós fizemos novena... que todos que vêm aqui na festa venha bem, vai voltar bem, já rezamos nove dias pro santo e Nosso Senhor Jesus Cristo cuidar desse povo direitinho, que vem aqui e volta pra casa, à tarde, à noite. Então nós já prepara esse terreno, esse caminho, com oração. Então, essa vida de comunidade tradicional vem de família para família, né” (Seu Pedro Ponce, cururueiro e festeiro principal).

Antes da novena, noite de sábado, véspera da festa, a matriarca deixa sua mensagem para os primeiros participantes:

A gente sabe que ninguém faz nada sozinho, tudo depende de uma mão e de um carinho de cada um. Então, nós vamos rezar uma dezena de terço cantado, entregar a nosso senhor São Pedro... que está nos ouvindo na novena, que ele segura no coração, cada um de nós, com essa chave, para que tenha amor, obediência e compreensão. Se Deus quiser... a gente confia que todos vocês estão presentes aqui pra ajudar nós com a festa. Mas a gente procura... a gente já vai agradecendo de coração todos vocês que colaboraram (Dona Lucinda Bernadete de Souza).

Seguindo as linhas gerais das festas de santos católicos da região, a Festa de São Pedro da comunidade Zé Alves é repleta de calor humano, de muita afetividade, tornando-se um lugar de reencontro de velhos amigos, reencontro de parentes, um espaço de muita alegria, solidariedade e reafirmação da fé. Segundo Lula Ponce, filho de seu Pedro Ponce e também festeiro, a organização do evento é uma ação coletiva, que envolve várias categorias para a sua realização:

Nesta festa de 2023 envolvidas (na organização) foram 35 pessoas. Que nós fala rei, rei é as pessoas que ajuda só com carne. Um ajuda com ¼ de carne, outro com 15 quilos, outra com uma banda, e teve gente de doou uma vaca inteira. Tipo assim, ele é devoto do santo, ele fica contente, e ele se

compromete pro ano seguinte que vai trazer. Aí nós tem as rainhas, que ajuda pra fazer o bolo; traz os polvilhos, as margarinas, aí tem o juiz, que traz porco, né, traz um pouco de alimentação. Então, a gente envolve, aí nós, a família, a família responsável com... toda a família nossa, tios, tias, aí a gente vê o que... (falta) complementa, nós também, cada um tem a sua devoção, pra esse dia você... ter aquela partilha, pra você partilhar com o santo. Aí a gente junta com a dos festeiros, junta com a força nossa, pra gente chegar num número para atender às pessoas que vêm para a festa, pra tá junto conosco (Lula Ponce, festeiro e filho de seu Pedro Ponce).

Pode se dizer aqui que a gente pantaneira também tem uma noção de tempo mais alargada, tal qual os ibéricos, e que as festas de santo ditam o ritmo do calendário social e da própria comunidade, demonstrando que as peculiaridades do catolicismo ibérico foram capazes de promover um bom encontro com os outros povos que aqui se encontraram. Manuela Areias Costa e Luciano Pereira da Silva, em “Patrimônio Cultural, Festas e Lutas Políticas em Comunidades Quilombolas de Mato Grosso”, traçam um retrato das dinâmicas das festas de santo; ainda que estejam observando as comunidades quilombolas, são similares aos aspectos observados nessa comunidade pantaneira tradicional da zona rural de Poconé.

As tradicionais festas de santo mobilizam diversas pessoas, criam laços de solidariedade e coesão social (...) São momentos de encontros, trocas, “circularidade cultural” e enfrentamentos – como conflitos de gerações, fundiários e de manejo ambiental e econômico – entre os diversos segmentos sociais que assistem ou participam da mesma. Além de lazer, oferecem momentos privilegiados para a consolidação das mais variadas identidades e (re)invenção das tradições (Costa; Silva, 2020, p. 66).

Importante observar o papel desempenhado pelos “donos” dessas tradições, as famílias que adotam os santos e que são as responsáveis primeiras pela organização das festas anuais, ainda que logo após cada evento já são eleitos os festeiros para o do ano seguinte, dentre os quais essas famílias estão sempre presentes.

Nesse encontro da festa, fé, viola de cocho e alegria, esses festeiros organizadores são uma espécie de maestro a reger uma orquestra de forma excepcional em que os fundamentos do catolicismo interagem com os fundamentos do siriri e cururu, promovendo um grande encontro de devotos durante dois dias. Sem a presença de padre – pois alguns padres da região se recusaram a participar dos festejos em função da presença de bebida alcoólica – nem da polícia, pois não há registro de brigas, tampouco de autoridades públicas – pelo que foi observado nas últimas três edições.

Mas o que motiva a reafirmação da tradição a cada ano? A melhor resposta está em Marcel Mauss, em seu célebre “Ensaio sobre a dádiva”. Essas festas de santos católicos são recheadas de rituais e expressões simbólicas, em que a relação da comunidade com o santo se dá por meio do recurso de prestações e contraprestações, de troca por dádivas, com pagamento de promessas realizadas. Em conformidade com o que já destacava Marcel Mauss, “essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública” (Mauss, 2017, p. 197). Tanto na relação entre os homens como entre estes e os deuses, essas promessas ensejam obrigações. Em outro momento Mauss, citando Kruyt, lembra que “antes de cortar ‘sua’ madeira, antes mesmo de limpar ‘sua’ terra, de plantar o poste de ‘sua’ casa, é preciso pagar aos deuses” (Kruyt apud Mauss, 2017, p. 214). Trazendo para os tempos atuais, não seria algo simples o rompimento de uma promessa para com o santo, pois estas envolvem a busca do retorno de uma dádiva, num contexto de devoção religiosa coletiva, entre parentes e amigos e devotos. Eis o motor principal.

Na manhã da segunda-feira, dia seguinte à realização do intenso domingo de festa, prepara-se uma feijoada a ser saboreada por um público já bem menor, basicamente os familiares e organizadores da festa. Ali mesmo já começam as tratativas em torno da edição da Festa de São Pedro da comunidade Zé Alves, sítio São Pedro, para o ano seguinte.

Pois, como afirma Seu Pedro Ponce: “que sentido haveria trabalhar o ano inteiro e não ter um para festejar?!”.

Festejar e reforçar a fé numa alegria coletiva torna-se o amplo sentido do evento.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Cristina. “O falar cuiabano”. Cuiabá: Editora Carlini & Carniato, 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Cultura, Festas e Patrimônios”. In: *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. Coordenador geral: Carlos Benedito Martins; Coordenador de Área: Luiz Fernando Dias Duarte. São Paulo: ANPOCS, p.268-270, 2010.

CAVALCANTI, Maria Laura. “Cultura e Saber do Povo: Uma Perspectiva Antropológica”. Revista Tempo Brasileiro, out.-dez., nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed., p. 4, 2001.

COSTA, M. A.; SILVA, L. P. “Patrimônio Cultural, Festas e Lutas Políticas em Comunidades Quilombolas de Mato Grosso”. In: Revista Memória em Rede, Pelotas, RS, v. 12, nº 22, jan.-jun., p. 66, 2020 – ISSN- 2177-4129.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “O Espírito e a Matéria: o patrimônio como categoria de pensamento”, “Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios”. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Museu da República, p. 214, 2007.

HALL, Stuart. *Cultura Popular e Identidade. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.255, 2006.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (Coleção Argonautas). São Paulo: Ubu Editora, p. 197 e 214, 2017.

OSÓRIO, Patrícia Silva. “Festivais e Patrimônios: o caso da patrimonialização da viola de cocho”. In: *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus*”. Izabela Tamasso; Renata de Sá Gonçalves; Simone Vassallo (organizadoras). Goiânia: Editora Imprensa Universitária, p. 170-171, 173, 176, 2019.

QUEIROZ, Poliana Jaqueline; OSÓRIO, Patrícia Silva; SOUZA, Alessandra Aparecida Jorge. *Inventário: quintais da cultura popular cuiabana*. Cuiabá: INCA, p. 12-13, 2022.